

Outubro 2020  
Acesso à Realidade

Nossa tendência é acreditar que temos o acesso à realidade, isto é, que vivemos em um mundo real segundo aquilo que percebemos pelos sentidos físicos, creditando maior importância à visão, pois, quando se vê, não resta qualquer dúvida. Esta é uma questão muito importante para a mediunidade, uma vez que esta mesma crença é transportada para os médiuns videntes. Contudo, tanto na visão física quanto na mediúncia, há grande possibilidade de equívocos; os jogos de ilusões de ótica são uma prova cabal de que nossa visão pode ser manipulada. Havendo a possibilidade de ser conduzida ao equívoco intencionalmente, podemos inferir que em eventos rotineiros a visão pode não ocorrer da forma esperada, acreditando-se ter visto algo enquanto a realidade seja outra.

Desta forma, duas pessoas, diante de um mesmo evento ou realidade, podem ter percepções diferentes, dependendo daquilo que é captado pelos olhos e interpretado pelo cérebro. Este é um dos motivos pelo qual o método científico é fundamental, apesar de todas as críticas comuns, mas este é um método que pode e deve ser aplicado em vários campos da nossa vida e não apenas no laboratório [1].

Um bom exemplo, para iniciarmos o tema, é considerar duas pessoas observando o algarismo seis, ou o nove, em posições relativas diferentes. Assim, um dirá se tratar do algarismo seis enquanto o outro dirá que é o nove. Neste caso, ambos estão corretos, porém, para cada um o outro estará errado, portanto, se trata de duas realidades que podem ser verificadas por ambas as pessoas simultaneamente. Este exemplo pode ser considerado como uma visão simplista (e equivocada) de um paradoxo. Para evitar esta situação é comum adicionar um traço na parte de baixo destes algarismos para servir de referência, comum em bingos e sorteios.

Contudo, existem outros paradoxos que não são simples e que não podem ser verificados por duas pessoas simultaneamente. São exercícios mentais elaborados à partir dos conceitos da Física Moderna, mais especificamente da Quântica e da Teoria da Relatividade. Um destes exemplos que levanta questões interessantes sobre o nosso acesso à realidade e que considera a Teoria da Relatividade é o paradoxo da vara e do celeiro. Este paradoxo descreve uma situação que, à primeira vista, parece impossível, porém, ao se considerar a Teoria da Relatividade, passa a ser possível, mesmo sem uma conclusão definida.

Imaginemos uma situação em que se deseja colocar uma vara de 20 metros em um celeiro de 10 metros de comprimento. Tem-se, então, um homem de posse da vara correndo à uma velocidade de cerca de 90% da velocidade da luz, isto é, 270.000 km/s, enquanto outro homem se mantém à porta do celeiro observando. Nesta velocidade, o homem parado observa uma contração do espaço com relação à vara e, assim, seria possível encaixá-la no celeiro. Contudo, para o corredor, a contração do espaço ocorre com relação ao celeiro que, sob o seu ponto de vista, seria menor que 10 metros, portanto, a vara não se encaixaria.

Diante do exposto, temos que, para o homem parado, a vara se encaixa no celeiro, enquanto que, para o corredor, a vara continua não se encaixando. Qual dos dois teria razão? A teoria diz que ambos, apesar de não ser verificável por ser impossível de atingir tão elevada

velocidade com objetos macroscópicos. As complicações deste e de tantos outros paradoxos demonstram a complexidade relacionada com o acesso à realidade, na qual a posição do observador com relação ao fenômeno em si é fundamental.

Nossa tendência é avaliar com uma visão acanhada e, pior, cada um acreditando ser “o senhor da razão”. Por isso, é importante conhecermos um processo interessante, denominado de “misonéismo”, isto é, medo e ódio irracionais de ideias novas.

O psiquiatra suíço Carl G. Jung diz: “Já assinala a existência, entre os povos primitivos, daquilo que os antropólogos chamam ‘misonéismo’, um medo profundo e supersticioso do novo.” “O homem ‘civilizado’ reage a ideias novas da mesma maneira, erguendo barreiras psicológicas que o protegem do choque trazido pela inovação”[2].

Jung diz ainda que “a consciência resiste, naturalmente, a tudo que é inconscientemente desconhecido”[2], portanto, é preciso superar esta resistência, cientes de que há muita coisa que desconhecemos e que necessitamos prosseguir com o desenvolvimento pessoal.

Tanto a natureza da realidade [1] quanto o seu acesso não são triviais em uma visão limitada. O conhecimento de que ambas estão além daquilo que consideramos como realidade é fundamental para o despertar do espírito e entrar em contato com a sua própria essência, pois, em geral, desconhecemos o que se encontra nas profundezas do espírito. Além disso, é preciso estarmos cientes de que os ensinamentos de Jesus e o próprio Espiritismo se baseiam no entendimento da natureza da realidade.

#### Referências:

[1] Claudio C. Conti; Natureza da Realidade, Revista Cultura Espírita, agosto 2020.

[2] Carl G. Jung; O Homem e seus Símbolos.